



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA

ANA CLÁUDIA PEREIRA DA SILVA

**CIÊNCIA E TECNOLOGIA: Sugestão de Thesouro para objetos da Saúde
e da Medicina**

RECIFE

2023

ANA CLÁUDIA PEREIRA DA SILVA

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Museologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito final para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Melo de Araújo

RECIFE

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Ana Cláudia Pereira da.

CIÊNCIA E TECNOLOGIA: Sugestão de Thesouro para objetos da Saúde e da Medicina / Ana Cláudia Pereira da Silva. - Recife, 2023.

43 p. : il., tab.

Orientador(a): Bruno Melo de Araújo

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Museologia - Bacharelado, 2023.

Inclui referências.

1. Thesaurus. 2. Memorial da Medicina. 3. Museu Científico. 4. Documentação. 5. Fichas Catalográficas. I. Araújo, Bruno Melo de. (Orientação). II. Título.

060 CDD (22.ed.)

ANA CLÁUDIA PEREIRA DA SILVA

**CIÊNCIA E TECNOLOGIA: Sugestão de Thesouro para objetos da Saúde e da
Medicina**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao departamento de Antropologia e Museologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Bruno Melo de Araújo (Orientador)

Universidade Federal de Pernambuco

Dr. Anselmo Mendonça Junior (Examinador Externo)

Universidade Federal de Pernambuco

M.a Suellen Conceição Ribeiro (Examinadora Externa)

Universidade Federal de Pernambuco

Dedico esta monografia a todas as pessoas que contribuíram de alguma forma com a construção deste trabalho, seja com referenciais ou com diálogos informais. E claro, especialmente a mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família por me dar palavras de incentivo enquanto escrevia esta monografia no silêncio da madrugada. Ao professor Bruno Melo de Araújo por ter tido paciência, pela a empatia diante da minha falta de tempo para produzir, os meus surtos e claro, a sua orientação.

À professora Emanuela Ribeiro, pois foi durante a sua orientação para o meu primeiro trabalho que pude dar continuidade a minha pesquisa, o que se tornou este estudo. Aos professores Rômulo e Robson por suas palavras doces de conforto.

Aos meus amigos dentro da Museologia: Juane, que juntas nos desesperamos e demos apoio uma à outra durante as madrugadas, à Manu e Jana por terem enxugado minhas lágrimas, Amanda, Jonas.

Aos meus amigos que conheci fora da Museologia durante o estágio que, além do aprendizado, fazíamos farra: Evelyn, André, Bia, João, amo vocês. Aos meus amigos que fiz durante o trabalho: Marcia, Maisa, Lala, Lina, Dindo, Cláudio, Liverson, pelas conversas para desopilar a mente enquanto eu estava num turbilhão de emoções. Ao meu amor da vida, Luiz Henrique, por incentivar sempre meus estudos. Sem vocês, essa saga de vida de universitário seria mais pesada.

*Chamo carinhosamente este trabalho de Clayton, para os íntimos Cleytinho.
E atualmente ele está em sua fase de meninice...*

RESUMO

A Documentação é uma das áreas da Museologia que atua no controle sistemático do acervo e seu acesso. Neste trabalho, enfoca-se os estudos de documentação sobre thesaurus, especificando um voltado para a área da saúde levando em conta atividades voltadas ao processo de preenchimento de Fichas Catalográficas de documentação de objetos de C&T - Ciência e Tecnologia - de uma coleção do museu universitário Memorial da Medicina da Universidade Federal de Pernambuco. Trata-se de um estudo desenvolvido por motivação pessoal, pois meu interesse se deu porque, enquanto bolsista do referido Memorial, senti uma grande falta de um Thesaurus voltado para essa tipologia de peças. A metodologia utilizada durante o processo, inicialmente apresentando a institucionalização do Memorial da Medicina através de fontes bibliográficas e apontando sobre a importância da documentação nos espaços museais com objetivo de discutir os referenciais teóricos e metodológicos que embasam a ação dos museólogos para esta atividade. Como são trabalhos mais atuais, ajudará na construção inicial do problema. Tem como base, as fichas catalográficas feitas durante o período remoto das atividades exercidas pelos estagiários - que incluem a mim como um dos referidos-, durante o início da pandemia, meados de Março de 2020. Em seguida como resultado apresentam-se sugestões para a elaboração de um Thesaurus de temática das ciências da saúde.

Palavras-chave: Thesaurus; memorial da medicina; museu científico; documentação; fichas catalográficas.

ABSTRACT

Documentation is one of the areas of Museology that acts in the systematic control of the collection and its access. In this work, it is focused among the documentation studies on Thesaurus, specifying one focused on the health area, taking into account the activities related to the process of filling out the Catalographic Records of S&T- Science and Technology- objects documentation of a collection from the Memorial of Medicine of the Federal University of Pernambuco. It is a study developed by personal motivation, because my interest was because, as a scholarship holder of the Memorial, I felt a great lack of a Thesaurus focused on this type of pieces. The methodology used during the process, institutionalization of the Memorial of Medicine through bibliographic sources and pointing out the importance of documentation in museum spaces in order to discuss the theoretical and methodological frameworks that underlie the action of museologists for this activity. As they are more current works, it will help in the initial construction of the problem. It is based on the catalogs made during the remote period of the activities carried out by the trainees - which include me as one of those-, during the beginning of the pandemic, mid-March 2020. Then, as a result, suggestions are presented for the elaboration of a Thesaurus on the theme of health sciences.

Keywords: Thesaurus; memorial of medicine; scientific museum; documentation; catalographic records.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Memorial da Medicina de Pernambuco.....	28
FIGURA 2: Reserva Técnica.....	29
FIGURA 3: Carro de Anestesia.....	31
FIGURA 4: Audiômetro.....	32
FIGURA 5: Exercitador de Tornozelos por Molas.....	33
FIGURA 6: Mesa de Kanavel.....	34
FIGURA 7: Exemplo de medicamento que compõe a Coleção.....	37
FIGURA 8: O pulmão de Aço.....	40
FIGURA 9: Pulmão de Aço visto frontalmente.....	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1: COMO PROCEDER A DOCUMENTAÇÃO NOS ESPAÇOS MUSEAIS	17
1.1 O papel da Documentação nos Museus	17
1.2. Como se documentam os objetos nos Museus	20
1.3 O Thesouro: Definição, Estrutura e Importância	23
CAPÍTULO 02: CONHECENDO O MEMORIAL DA MEDICINA	27
2.1 A Institucionalização	27
2.2 A Gestão do Acervo: Procedimento Realizado nas Fichas Catalográficas	30
CAPÍTULO 03: CONTRIBUIÇÕES PARA THESAURO DE SAÚDE: EXPERIÊNCIA NO MUSEU DA FARMÁCIA E MUSEU DE HISTÓRIA DA MEDICINA	36
3.1 O Museu de Farmácia (MPh) da Universidade de Ouro Preto (UFOP) e sua coleção de itens farmacêuticos	36
3.2 O museu de História da Medicina (MUHM) e o Pulmão de Aço	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

Conhecidos como Thesaurus, ele é um meio de organizar o conhecimento baseado no ‘o que’ – o que é o objeto - ‘para que’- a sua finalidade - para em seguida em ‘como’ sistematizar as peças, “organizar e representar para finalidades específicas de recuperação de informação, quer seja como suporte à geração de conhecimento, ou para finalidades de tratamento de acervos” (Souza, 2008, p. 120).

O Thesaurus é a base para que os profissionais que trabalham com a documentação em museus, na medida em que se constrói um vocabulário controlado que possibilita conseqüentemente acesso às informações sobre os objetos da instituição. Dada a sua importância no contexto museal, a reflexão sobre a classificação e nomeação dos objetos em museus é de fundamental importância para garantir o conhecimento efetivo dos objetos em um museu e a possibilidade de produção de conhecimento, ainda mais quando falamos de acervos provenientes da Ciência e Tecnologia que será fruto de análise nesta monografia.

Para Souza (2008), Tesouro significa em primeira instância tesouro e apresenta o caráter de especificidade e relevância que os termos podem contribuir para o uma linguagem que seja compartilhada em diferentes espaços e por diferentes indivíduos de forma semelhante. Independente dos locais que os especialistas estão, a linguagem seria a mesma.

Palavras classificadas e arranjadas para facilitar a expressão de ideias e para ajudar a composição literária. Essa definição torna clara a diferença de objetivos dos tradicionais dicionários de língua que partem da palavra para os seus significados. (Souza, 2008, p. 121).

No contexto das atividades desenvolvidas pelos museus, é importante registrar, preservar e colecionar os objetos que estão sob sua tutela. Sobre o aspecto da documentação, Smit referenda a fala de Otlet:

A expansão proposta por Otlet, do conceito de documento para praticamente qualquer objeto chamou a atenção para muitos documentos que, por não serem textuais e registrados em suporte papel, nem por isto deixam de ser documentos. (Smit, 2008, p. 12.)

A documentação em museus não só parte necessariamente na gerência de coleções, ela auxilia em sanar as dúvidas do “curador que justamente tenta compreender os artefatos sob seus cuidados” (Barbuy, 2008. p.37), possibilitando

que se constitua uma cadeia de informações que poderá subsidiar um maior conhecimento sobre as coleções. Depois de definir o que entrará numa lista de coleções, o passo seguinte é designar cada um deles. A seguir, vem a tarefa de organizar e, por fim, classificar.

Definido os campos de informação, a entrada de dados, além de clara, precisa e normalizada, deve ter sua terminologia controlada. O controle da terminologia, na medida em que assegura sua consistência, impede que as informações relevantes sejam perdidas por que vários termos foram usados para designar uma mesma coisa. Ela se dá através de vocabulários controlados que variam desde simples listas autorizadas de termos até instrumentos mais sofisticados como os “*tesauros*” (Ferrez, 1994, p. 7).

Portanto, é sob o olhar de organização citado acima que estudamos os objetos de medicina que estão salvaguardados em uma sala provisória no Memorial da Medicina antiga Faculdade de Medicina do Recife, que hoje é uma instituição correlacionada à Universidade Federal de Pernambuco. As fichas de identificação do acervo foram confeccionadas durante o processo de catalogação de uma coleção de Ciência e Tecnologia (C & T) e possui diversos objetos e documentos, dentre elas placas de formatura, fotos, moldes feitos de cera e aparelhos médicos.

A partir do pequeno acervo de aparelhos médicos, surgiu a problematização de não ter algo que facilite a descrição e classificação dos objetos, objetivando-se geralmente dar apontamentos sobre os processos de registro de bens culturais de C&T, especificamente, para equipamentos das ciências da saúde musealizados, a partir daí, sugere uma possível construção de um Thesaurus voltado para essa temática.

Especificamente, objetivamos identificar as práticas de aquisição e documentação de objetos de C & T relacionados à medicina em instituições museais, utilizando como base o Memorial da Medicina, conhecendo-se as fontes bibliográficas existentes que versam temas relacionados ao processo de institucionalização do equipamento cultural universitário.

Apresentamos e refletimos o processo de preenchimento de Fichas Catalográficas de documentação de objetos de C&T de uma coleção do Memorial da Medicina, investigamos referências e ou trabalhos sobre a construção de Thesaurus e sugerimos a estruturação de um possível Thesaurus Médico de objetos da área

da saúde que contribuam na construção de um vocabulário controlado sobre este tema para a área da Museologia.

Apontamos em nosso estudo a importância da documentação nos espaços museais com objetivo de discutir os referenciais teóricos e critérios que embasam a ação dos museólogos para esta atividade. Como são trabalhos mais atuais, ajudarão na construção inicial do problema. Sendo assim, faz-se necessário dar importância a novas possibilidades de museus e seu acervo, tendo em vista que sempre aparecerão e, por conseguinte, na atualidade é necessário acompanhar a demanda de novos meios de sistematização e classificação.

No primeiro capítulo, apresentamos e discutimos o papel da documentação nos museus e discutimos a importância da gestão documental dos bens culturais, pois com ela os objetos de valor histórico, cultural, artístico, científico e tecnológico são salvaguardados e que a prática de documentar envolve diferentes aspectos, que vão desde fotografias, as características físicas, os registros das informações históricas, culturais relacionadas aos objetos.

No segundo capítulo, realizamos estudo sobre a trajetória de institucionalização do Memorial da Medicina, abordando como museu universitário da Universidade Federal de Pernambuco e observando as práticas de incorporação de acervos em período recente e analisando o seu processo de registro, a fim de subsidiar práticas efetivas de documentação calcadas nos princípios da Museologia.

No terceiro capítulo, utilizando como base estudos que se debruçaram sobre atividades de documentação em museus com objetos voltados na área da saúde, buscamos elencar as contribuições que poderíamos ter com a construção de um Thesaurus para acervos científicos para o campo da saúde.

CAPÍTULO 1: COMO PROCEDER A DOCUMENTAÇÃO NOS ESPAÇOS MUSEAIS

1.1 O papel da Documentação nos Museus

O capítulo apresentado visa construir uma reflexão teórica com base nos autores voltados à documentação que serão discutidos a fim de fomentar e alicerçar as bases conceituais da nossa pesquisa. Acreditamos que essa discussão se faz necessária pelo fato de que o uso de sistematização do conhecimento e vocabulário controlado através do uso de plataforma de padronização como Tesouro, é de suma importância no uso da classificação dos objetos que estão em museus. Portanto, apresentaremos aqui o papel da documentação e seus desdobramentos a fim de alcançar o nosso objetivo, que é a sugestão de um Tesouro voltado para o acervo da área da medicina, sendo este o foco deste trabalho.

Em 1892, os advogados Otlet e La Fontaine criaram o Instituto Internacional de Bibliografia, com o intuito de reunirem em fichas toda a produção bibliográfica universal. As informações contidas nessas fichas, seguiam todos os métodos dos bibliotecários como, título, autor, editor, ano etc. Porém, em 1931, o Instituto recebeu outro nome, o de Instituto Internacional de Documentação, a partir daí a palavra *documentação* ganha mais visibilidade e espaço. (Smit, 1987, p.12.). Após a Segunda Guerra Mundial, Otlet apresentou normas que “permitissem o acesso universal ao conteúdo informativo recaindo sobre um espírito pacifista” (Monteiro, 2014, p. 21).

Mas o que é documentação e/ou documentar? Segundo Smit (1987), seria uma espécie de filtro: um filtro que seleciona e organiza informações, chamando atenção para as principais” (Smit, 1987, p.08). Para entendermos este filtro, a mesma autora discorre uma situação hipotética de que um dirigente sindical precisa reunir argumentos para convencer os empresários de um aumento maior do que o proposto, em relação à avaliação do boia-fria na economia do estado. Este dirigente poderá fazer sua pesquisa através de opiniões dos colegas, alguma papelada que resume alguns dados, viajar para outros estados e entrevistar mais boias-frias ou ir a

uma biblioteca para fazer, claro, uma pesquisa bibliográfica, “que nada mais é do que foi dito antes sobre o certo assunto”.

Após o trabalho árduo do levantamento bibliográfico, a lista está pronta, “já se sabe *quem* escreveu sobre o papel do bóia-fria na economia, e *onde*: livro, artigo de revista ou jornal, comunicação a um congresso de economia, etc. (Smit, 1987, p. 09). Esta lista de bibliografia funciona como “cartões de visitas” já que dão informações necessárias para que se possa localizar o documento original como por exemplo: autor, título, nome da revista onde a informação foi retirada, paginação. (Smit, 1987, p.09). Dessa forma:

(...) será necessário localizar os artigos originais: a própria biblioteca na qual a pesquisa foi feita certamente terá uma parte desses documentos, mas nenhuma biblioteca tem tudo! Isto não existe. Será necessário localizar os outros documentos em outras bibliotecas da cidade, do estado ou do Brasil, e até no exterior, e providenciar as cópias. (Smit, 1987, p. 9-10).

Nesse contexto, a documentação faz-se necessária na busca de fontes de informações fidedignas para agregar em qualquer pesquisa científica em acervos nos espaços museais e que contribuem para que estes locais e suas peças que contenha, possam a ser como citado acima, um filtro que traga atenção para as informações selecionadas.

Trazendo para a esfera dos Museus, o Conselho Internacional de Museus (ICOM), os define como uma instituição permanente e sem fins lucrativos ao serviço da sociedade e seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquirem, preservam, pesquisam, comunicam e expõem para fins de estudo, educação e lazer, os testemunhos materiais e imateriais dos povos e seu meio ambiente. A sua documentação nesses espaços, segundo o Comitê Internacional de Documentação (CIDOC, 2014, p.19), “envolve o desenvolvimento e a utilização de informações sobre os objetos que fazem parte do acervo e os procedimentos que auxiliam a sua administração”.

Estes processos se dão para otimizar o registro escrito ou inserido digitalmente em algum banco de dados para se tornar acessíveis aos funcionários, pesquisadores e ao público em geral. Com esse processo de identificação, o museu

facilita os seguintes processos: política de acervo, cuidados e prestação de contas em relação ao acervo, acesso, interpretação e utilização do acervo, e pesquisa do acervo.

A política de documentação deverá constituir um conjunto de normas disponíveis para a população que deseje pesquisar, acessar informações dos objetos salvaguardados na instituição. A política de documentação também deve estar alinhada com o ICOM em seu Código de Ética, especificamente ao artigo 2.1 que indica que “em cada museu, a autoridade de tutela deve adotar e tornar público um documento relativo à política de aquisição, proteção e utilização de acervos” (ICOM, 2009, p. 14).

Acesso, interpretação e utilização do acervo, se porventura o pesquisador e ou algum indivíduo do público espontâneo necessitar de informações pertinentes ao espaço, o museu deve oferecer seus serviços a caráter, sendo este um oferecimento personalizado. Tais como um local adequado de pesquisa, ou informações impressas e online, entretanto, informações confidenciais bem como onde foram encontrados, e o local onde estão armazenados, serão limitadas. Ademais, o espaço museal pode sujeitar os próprios pesquisadores a interpretar por meio de investigações e utilizar o acervo para fins de exposição. (CIDOC, 2014, p.20)

Com relação à pesquisa do acervo, utilizando como exemplo o dirigente sindical em busca de argumentos para beneficiar os bóias-frias-, a política de documentação deverá garantir o escrito fidedigno de todas as informações coletadas desde a sua aquisição até o seu estado final na instituição. O registro é necessário para evitar problemas de perda de informação ou estudo incompleto, somando-se a isto, num sistema padronizado e prático, podendo servir de exemplo para outros tipos de bancos de informações.

Ainda, deve ser posto de forma clara e objetiva a situação dos objetos que não serão catalogados, preservados ou expostos - Artigo 2.20 do ICOM: “Os acervos dos museus devem ser documentados de acordo com normas profissionais reconhecidas” (ICOM, 2009, p. 18). Esta documentação deve permitir a identificação e a descrição completa de cada item, dos elementos a ele associados, de sua procedência, de seu estado de conservação, dos tratamentos a que já foram

submetidos e de sua localização. Estes dados devem ser mantidos em ambiente seguro e estar apoiados por sistemas de recuperação da informação que permitam o acesso aos dados por profissionais do museu e outros usuários autorizados.(ICOM, 2009, p. 18).

Portanto, deve-se ter cuidados com a prestação de contas em relação ao acervo, a instituição ou pessoa responsável pela coleção; deverá oferecer suporte a procedimentos práticos de gestão de acervo, tais como incorporação, questões burocráticas em relação a qualquer tipo de recibo em seu processo de aquisição, localização de objetos e controle de sua movimentação.

Logo que a documentação museológica é chave fundamental para a gestão e preservação do patrimônio cultural dos museus e através dela; que se torna possível registrar, documentar e analisar objetos, coleções e exposições nos equipamentos museais. Esses registros permitem que quem esteja responsável pelo acervo possa fazer estas atividades e outras como gerenciar coleções, desenvolver pesquisa, planejar exposições, assim como monitorar as condições físicas em que se encontram os objetos para ações preventivas.

Por fim, o seu papel é importante para a comunicação com o público, permitindo que os visitantes tenham acesso às informações sobre os objetos e exposições além da criação de conteúdos educacionais e informativos. Em suma, no próximo tópico veremos como se dão esses processos que auxiliam na documentação nos museus.

1.2. Como se documentam os objetos nos Museus

Salvaguardadas em um espaço cultural, as peças que compõem o acervo do museu precisam ser categorizadas de acordo com seus elementos, “destacando o suporte, elemento em que está presente no material que compõe o objeto, e gênero que visa em categorizar a peça podendo ser textual, fotográfica, eletrônica e entre outras categorias”. (Pereira Filho, 2015, p. 1).

Além de que o citado autor frisa sobre:

Outro qualitativo consiste na conhecida classificação das “três idades”: a documentação corrente agrega documentos nas fases de uso e que estão vinculados às suas finalidades imediatas, sejam administrativas ou legais; a documentação intermediária, a qual aguarda pela definição de seu descarte ou da sua guarda definitiva; e a documentação permanente, que aglutina os documentos preservados devido ao seu valor histórico, destacando as suas potenciais funções científica, social e cultural. (Pereira Filho, 2015, p. 1).

Vejamos que tudo isso se dá pela necessidade em salvaguardar as informações contidas nos objetos. Já Smith, (2008, p. 12) nos informa através de Otlet sobre que esta carência de preservação em considerar tudo um documento, inclusive os que são encontrados na natureza, deixa de lado a sua materialidade e segue a sua função em prol ao conhecimento humano para ser referendado ou estudado. Porém o conceito de Otlet em querer abraçar todo objeto não registrado como documento é refutado por BRIET, pois adicionar condições para qual objeto possa ser considerado um documento é, portanto, “uma evidência que apoia um fato”. (Smith, 2008, p. 12).

Ele deixa de ser definido pelo seu material, “mas pela sua condição de registro, que garante tanto a permanência da informação no tempo como também sua portabilidade no espaço”. Devendo haver então, “intencionalidade de tratar o objeto de algo; o processamento, em ser transformado em documento; e fenomenologicamente, que devem ser percebidos na qualidade de documentos”. (Smith, 2008, p. 14). Portanto, esses caminhos tendem a levar sobre os procedimentos típicos da documentação, que prioriza o objeto em atividades de “coleccionar, preservar, organizar, representar, selecionar ou recuperar, reproduzir e disseminar”. (Smith, 2008, p. 17).

Entretanto, não dar importância a esses processos nos museus reduz todo o potencial que o objeto como documento possa trazer em detrimento ao retorno para a sociedade, “é negar à esfera pública a pluralidade de significados e sentidos presentes nos acervos, reduzindo-os tudo a uma objetificação impenetrável detendo-o nas margens intransponíveis da pura e simples reificação.” (Loureiro, 2008, p. 25). “Os museus, assim como a própria Museologia, estão voltados, basicamente, para a preservação, a pesquisa e a comunicação das evidências materiais do homem e do seu meio ambiente, isto é, do seu patrimônio cultural e natural.” (Ferrez, 1994, p. 1), e a partir dessa função “constata-se que são

instituições estreitamente ligadas à informação de que são portadores os objetos e espécimes de suas coleções. (Ferrez, 1994, p. 1).

A referência ao museu como unidade sistêmica implica considerar a interdependência constitutiva de suas diversas áreas nas ações de coleta, seleção, pesquisa, classificação, preservação e exposição dos produtos retirados do meio ambiente histórico e sócio-cultural. (Loureiro, 2008, p. 27). Desse modo, a documentação organiza domínios de informação instituindo processos e construindo instrumentos essenciais nos quais os diversos produtores e usuários de informação possam estabelecer princípios racionais de preservação, gestão e acesso a essas informações. (Loureiro, 2008, p. 28)

Partindo dessa organização dos domínios da administração dos bens patrimoniais tangíveis nos espaços museais, a seguir, neste mesmo capítulo, alguns apontamentos de como deve proceder com detalhes sobre a ordenação pelo processo de aquisição que através do direcionamento do responsável, dinamiza as atividades feitas. Ela compete, segundo Camargo-Moro (1986, p. 17):

- . A equipe técnica: museólogos, conservadores, curadores, educadores, pesquisadores;
- . Museógrafos, animadores e demais especialistas, bem como seus respectivos auxiliares;
- . A equipe de apoio: guardas, porteiros, atendentes, serventes e demais auxiliares de serviços gerais;
- . A equipe transitória: estagiários, pesquisadores a curto prazo, voluntários, etc.

Esta aquisição pode ser coleta de campo - na coleta de campo, o diário do coletor e/ou os fichários do terreno; na compra, o respectivo recibo e a documentação comprobatória; permuta – que seria a troca de peças entre museus, por fim a doação. Partindo dessa sistematização apontada, "é pertinente que os objetos produzidos pelo homem são portadores de informações intrínsecas e extrínsecas". (Ferrez, 1994, p. 2).

As informações intrínsecas são deduzidas do próprio objeto, através da análise das suas qualidades físicas. As informações extrínsecas denominadas por MENSCH de informações documental e contextual, são aquelas obtidas de outras fontes que não o objeto e que só muito recentemente vêm recebendo mais atenção por parte dos encarregados de administrar as coleções museológicas. Elas nos permitem conhecer os contextos nos quais os objetos existiram, funcionaram e adquiriram significados e são, geralmente, fornecidas quando da entrada dos objetos no museu e/ou através das fontes bibliográficas e documentais existentes. (Ferrez, 1994, p. 2).

Mensch, conceituado em Ferrez (1994, p. 3), “distingue três aspectos básicos: Propriedades físicas dos objetos que é a descrição Física); Função e significado - (Interpretação); História.”

O objetivo é evidenciar com mais detalhes as vivências e/ou informações que o objeto teve antes de ser adquirido pelas instituições, através de procedimentos de controle tais como: nome, procedência, data da produção, material, técnica, inscrições, se já existe número de registro antigo, se participou de exposições, autor, fabricante, entre outros. As práticas de controle de entrada e saída de objetos, de registro, classificação, catalogação, indexação, devem obedecer a normas e procedimentos estabelecidos com a cooperação e o consenso daqueles aos quais irão servir. (Ferrez, 1994, p. 7).

E depois de definir esses campos, controlar a terminologia é fundamental. Ela impede que informações sejam alienadas através de termos proferidos pelos tesouros que são a sistematização do conhecimento que é: “para qualquer atividade que demande classificação para alguma finalidade de arranjo temático e recuperação de informação tornaram a Organização do Conhecimento um campo de estudos em várias áreas ou disciplinas” (Souza, 2008, p. 118).

1.3 O Thesouro: Definição, Estrutura e Importância

Trazendo um pouco de referência histórica sobre o Tesouro, definição, estrutura e importância, o escritor e poeta Brunetto Latini durante sua vivência (1220 - 1294), designa o ‘Os Livros dos Tesouros’, uma espécie de enciclopédia, e em 1532, Thierry e R. Etienne publicaram o livro Dicionário ou tesouro do idioma latino, em arranjo alfabético. Porém quarenta anos depois, a filha de Etienne finaliza e publica outro dicionário o *Thesaurus Language Graecae*. (Figueira, 2016. p. 43). Anos mais tarde, especificamente em 1736, há o registro pelo *Shorter Oxford Dictionary* expressão inglesa *Thesaurry or storehouse of knowledge*, definindo o termo como “tesouro ou armazém de conhecimento, similar a um dicionário ou a uma enciclopédia. (Figueira, 2016, p. 42-43).

Para Motta (1986) explica que no século XVII, através de estudiosos com interesse em “estabelecer uma linguagem universal que resolvesse o problema da barreira linguística, quer de forma geral, como meio de comunicação entre os povos, quer especificamente no campo da ciência” (Motta, 1986, p. 1).

Ademais, quando o campo da ciência favorece o homem em suas pesquisas, para Figueira o agir e pensar do indivíduo, deixa de ser de cunho religioso, ele quer os direitos de todo o saber e em seguida nomear, a partir disso com suas reflexões, há a necessidade de colocar todo o conhecimento adquirido para a população. Portanto, filósofos como Diderot e d’Alembert, com a colaboração de Bacon, Voltaire, Rousseau e Montesquieu em meados do século XVIII escreveram a *Encyclopédie* ou *Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, movimentando assim toda a Europa (Figueira, 2016).

Já em 1852, o londrino Peter Mark Roget publicou o *Thesaurus of English Words and Phrases*, que seria uma listagem de palavras por ordem e ideia, porém “o nome “tesauro”, ou sua forma antiga “tesouro”, já circulava desde séculos antes, com o significado de “relação de palavras”, “enciclopédia”, “dicionário” (Figueira, 2016, p. 42).

Anos mais tarde, especificamente na década de 50, o surgimento de sistemas mais eficazes como o sistema de indexação e classificação baseando-se em palavras-chaves.

Uma das primeiras definições feitas naqueles anos é a Howerton, que diz: Uma lista autorizada, que pode conduzir o usuário de um conceito a outro, por meio de relações heurísticas ou intuitivas. Pode-se usar a lista manual ou mecanicamente, para indicar cabeçalhos de indexação (Currás, 1995, p. 85).

Duas obras de arte publicadas em 1971, no Reino Unido e na Alemanha, pertencendo aos autores: Alan Gilchrist e Gernot Wersig sobre um estudo detalhado dos princípios teóricos, sobre a teoria de ‘tesauros’. As duas publicações serviam de base para a maioria dos estudos posteriores” (Currás, 1995, p. 85). Alan Gilchrist “uma lista autorizada de léxicos, sem notação, que difere de uma lista de cabeçalhos de assuntos, na qual as unidades léxicas, sendo menores, são mais maneáveis e se

utilizam na indexação coordenada” (Currás, 1995, p. 85). Por sua vez, Currás conceituando Gernot Wersig, seria uma :

Listas de termos, prefixados com antecedência, porém tirados do texto dos documentos, que desdobram os conceitos em unidades simples. Estas se coordenam posteriormente, para evitar ambiguidades. Entre elas, estabelecem-se relações hierárquicas, associativas e de equivalência (Currás, 1995, p. 85).

Tudo isso serviu de base para o surgimento do Tesouro. Mas o que seria este ‘tesouro de palavras’ mencionado acima pelos autores? Ainda utilizando os fundamentos de Currás, é um conjunto de estudo do significado utilizado para classificar grupos de fragmentos de palavras conhecidas como morfemas, que são capazes de expressar interpretações. Estão “ligados por relações do tipo sintático, para conseguir que os termos tenham uma representação documentária. O importante não são os documentos, são as relações dos assuntos” (Currás, 1995, p. 86). Esses múltiplos significados, segundo Gomes:

Um autêntico tesouro é construído a partir dos conceitos, apresentados num arranjo sistemático. Esse arranjo é determinado pelos elementos classificatórios que se façam presentes nas áreas específicas do conhecimento - o que torna lícito afirmar que os tesouros são suscetíveis de converter-se, a qualquer momento, em verdadeiros sistemas de classificação (Gomes, 1984, p. 2).

O conceito compete a referências essenciais aos tesouros “sob dois aspectos: quanto às suas finalidades e quanto à sua estrutura” (Gomes, 1984, p. 1). São quatro principais finalidades de um tesouro:

- Controlar os termos usados na indexação mediante um instrumento que traduza a língua natural dos autores, indexadores e pesquisadores numa linguagem mais controlada, usada na indexação e recuperação;
- Assegurar, mediante essa linguagem controlada, uma prática consistente entre diferentes indexadores que atuem no mesmo serviço, ou entre indexadores que atuem em serviços diferentes, numa rede cooperativa;
- Limitar o número de termos necessários atribuídos aos documentos. Os termos atribuídos a um documento devem representar, tão especificamente quanto possível, os conceitos expostos pelo autor, sem que haja necessidade

de incluir termos de conotação mais ampla e demais termos associados, se tais termos estiverem implicados nos quadros normais de referência;

- Servir como auxiliar de busca na estratégia de recuperação, inclusive em sistemas de texto livre (Gomes, 1984, p.1-2). “Em sua estrutura, o tesouro patenteia as relações vigentes entre os termos - sinonímicas, hierárquicas e outras - que, no seu conjunto, constituem a linguagem de indexação” (Gomes,1984, p. 2). Para sabermos com mais detalhe, a " indexação" analisa o documento pelos seus conceitos-chaves e o traduz destes para a linguagem de informação” (Currás, 1995, p. 11). E também recupera através de padronização “construídas especificamente com o objetivo de controlar a linguagem usada correntemente” (Motta, 1986, p. 3).

Portanto, através de todas essas contribuições que um tesouro pode trazer para os espaços museais, tais como um sistema de controle de vocabulário padrão, há apenas o Thesaurus de Acervos Científicos em Língua Portuguesa, desenvolvido entre aos anos de 2006 e 2013, de autoria pelos os pesquisadores Marta Lourenço e Marcus Granato e com a colaboração de instituições museais de Portugal e Brasil que auxiliam museus com coleções voltadas às ciências exatas e da natureza, sendo assim, não abrangendo os de tipologia médica que é o foco deste trabalho, por isso reafirmamos a suma importância de refletir nesse aspecto, visto que existem museus com coleções desta tipologia.

CAPÍTULO 02: CONHECENDO O MEMORIAL DA MEDICINA

2.1 A Institucionalização

Antes de conhecer os equipamentos médicos e as fichas produzidas para os objetos de C&T da área da medicina, buscaremos apresentar o local no qual estão guardados os objetos foco desta pesquisa.

Com o avanço de epidemias em Pernambuco houve a necessidade de criar um local para o ensino médico, a partir do século XVIII. “Assim, em 1798, o Desembargador ouvidor geral Antônio Luiz Pereira da Cunha, depois senador do império e Marquês Inhambupe, solicitou a rainha D. Maria I a criação de um hospital no Recife, com as cadeiras de anatomia e cirurgia, Pereira (2006, p. 267). Entretanto, por motivos inexplicáveis, a ideia não teve sucesso.

O desejo de atender a demanda de profissionais voltado para a área da medicina intensifica-se durante as duas décadas do século XX, mas dessa vez não obteve sucesso pelo poderio governamental (Lima; Ribeiro; Scheiner, 2016, p. 80).

Se antes era impedido pelo poderio governamental, em 1914, por interesses políticos, junto com a direção de Octávio de Freitas, criou-se a Escola de Farmácia com o objetivo de ocupar “dependências apropriadas ao desenvolvimento das disciplinas práticas, reestruturação da matriz curricular e ampliação do quadro de docentes em função dos encargos disciplinares” (Lima; Ribeiro; Scheiner, 2016, p. 80).

A escola progrediu, porém ainda precisava de apoio por parte “das instâncias governamentais” para reconhecer o ensino formal da Medicina que era também conferido à Sociedade de Medicina de Pernambuco. Então, em 1927, firma-se a Faculdade de Medicina do Recife”, formada por um conjunto significativo de escolas de formação especializada no estado de Pernambuco, composto pelas Escolas de Farmácia e Odontologia”, propondo-se o ensino em espaços como a Santa Casa de Misericórdia do Recife e o Hospital Dom Pedro II (Lima; Ribeiro; Scheiner, 2016, p. 80). E além de, nos anos 50, contando com a parceria do Hospital das Clínicas,

instituição vinculada à Universidade Federal de Pernambuco (Lima; Ribeiro; Scheiner, 2016, p. 81).

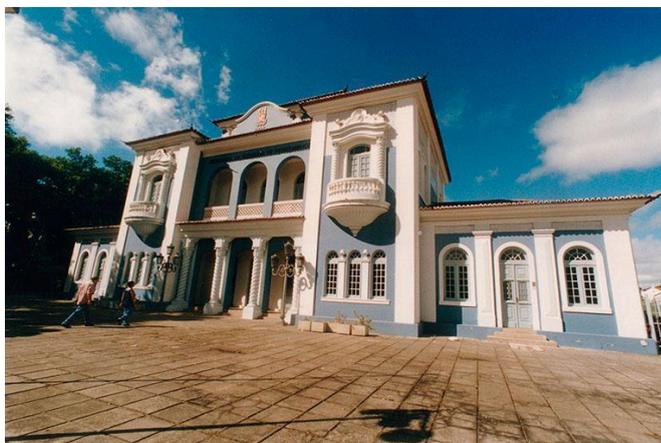
Ademais, uma porção de terreno nas imediações do Derby foi cedida pelo Governador Sérgio Loreto, sensível à iniciativa, todavia “Algumas instituições chegaram a se candidatar à acessão ou aquisição do bem, dentre essas a Polícia Militar de Pernambuco e a Faculdade de Ciências Médicas.” (Pereira, 2006, p. 275). Valença pontua que:

Como já dito, o prédio foi construído para albergar o curso de Medicina criado em 1920 como Faculdade de Medicina do Recife, que depois foi agregada com outras várias instituições acadêmicas para criar em 1946 a Universidade do Recife e, em 1965, se torna Universidade Federal de Pernambuco (Valença, 2019, p. 1).

Em 1958, se desmembrou então a Faculdade de Medicina, saindo do Derby e indo para o Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco, atualmente passa a se chamar de Memorial da Medicina de Pernambuco e acolher outras instituições como:

Academia Pernambucana de Medicina, fundada em 17 de dezembro de 1970, por Fernando Figueira, como foi referido. A sede da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores - Regional de Pernambuco, instalada no Recife em 24 de fevereiro de 1972. O Instituto Pernambucano de História da Medicina, que data de 25 de agosto de 1946, acolhe o Museu da Medicina de Pernambuco, fundado no dia 10 de março de 1987. Situa-se também no prédio mas de forma independente, a COVEST/COPSET órgão gestor dos vestibulares das duas universidades federais de Pernambuco (Pereira, 2006, p. 275).

Figura 1 - Memorial da Medicina de Pernambuco.



Fonte: (Proexc) Pró- Reitoria de Extensão e Cultura. UFPE. Sem data.

Figura 2 - Reserva Técnica.



Fonte: Arlindo Francisco da Silva Filho, 2010.

Muito do que se sabe sobre a instituição está em jornais locais, e que parte dessas informações estão no próprio Memorial da Medicina. Entretanto como o foco desta pesquisa surgiu de uma lacuna no quesito de uma classificação formal de objetos musealizados da área de medicina, salienta-se que durante os finais do século XIX o Museu da Academia Nacional de Medicina reuniu coleções relacionados à história da medicina e da saúde pública que estão em desuso, reflexo que levou outros museus a fazerem o mesmo (Lima; Ribeiro; Scheiner, 2016, p. 83).

Portanto, pelos vários caminhos que a princípio a instituição mencionada na atualidade passou, há também uma grande movimentação dos aparatos médicos, lembrando que com a contribuição da Santa Casa da Misericórdia, Hospital Dom Pedro II e o Hospital das Clínicas, contribuíram para agregar nas aulas práticas e no manejo de peças médicas, ficando em posse atualmente no espaço museal que cumpre na medida do possível em preservar o que lhe foi confiado. Enfim, no próximo tópico veremos como se deu a atividade documental do preenchimento das fichas catalográficas dos equipamentos médicos.

2.2 A Gestão do Acervo: Procedimento Realizado nas Fichas Catalográficas

Para identificação do acervo existente no Memorial da Medicina e com a finalidade de sistematizar da melhor maneira possível e conhecer o potencial dos itens selecionados, passamos a identificar os itens, ou seja, as partes iniciais das fichas e seus respectivos objetos de C&T da área da saúde para exemplificar o que foi feito durante o processo de preenchimento dos campos que competem de acordo com as necessidades das peças.

Nesta etapa, trabalhamos apenas com o que tínhamos, sem o auxílio de um Thesouro em determinar a sua classe e subclasse para este tipo de objeto, usamos um Dicionário Técnico que abrangia equipamentos médicos e tecnologias aplicadas à saúde junto com os nossos conhecimentos para sistematizar os dispositivos e com a ajuda dos docentes. Lembrando que o profissional estabelecido que trabalha com acervos, ao ter acesso a um ambiente com coleções em diversos suportes, o dever primordial é investigar e após isso, dar a iniciativa em processos de sistematização do acervo. Para Padilha:

Para se tornar parte do acervo de um museu, o objeto deve primeiramente passar por uma investigação que vise à sua identificação com a missão da instituição. Assim, uma vez analisado, recebe intencionalmente um valor documental que admitirá sua incorporação ao acervo museológico. O significado atribuído ao objeto diz respeito à finalidade do museu, podendo variar conforme a tipologia com a qual a instituição se apresenta (Padilha, 2014, p. 19).

O correto é sempre ter a disposição de renovar as precauções cabíveis em manter os objetos sempre atualizados de acordo com o conhecimento atrelado intrínseco e extrínseco. É previsto por lei, Art. 39 do Estatuto Brasileiro de Museus – Lei no 11.904/2009, no que se refere ao acervo do museu, Capítulo II, Seção II, Subseção IV - Dos Acervos dos Museus: “É obrigação dos museus manter documentação sistematicamente atualizada sobre os bens culturais que integram seus acervos, na forma de registros e inventários”.

Colocamos então os seguintes campos listados abaixo:

Objeto: diz respeito à informação que apresenta o que é o objeto, como, por exemplo, xícara, cadeira, entre outros;

Materiais: do que é feito o objeto;

Técnica: como foi feito;

Época: em que ano;

Autoria: quem fez.

Procedência: de onde veio;

Origem: onde foi feito;

Classe: a referência do objeto.

Subclasse: classes funcionais específicas do objeto.

Localização: onde está atualmente.

Figura 3 - Carro de Anestesia.



Fonte: Ana Claudia Pereira da Silva, 2019.

OBJETO:	Carro de Anestesia
MATERIAIS:	Ferro; Tinta; Plástico; Cal Sodada
TÉCNICA:	Metalurgia - Industrial
ÉPOCA:	Século XX
AUTORIA:	Empresa Oxigel
PROCEDÊNCIA:	Hospital das Clínicas - UFPE
ORIGEM:	São Paulo - SP
CLASSE:	Equipamento de Atividades Científicas e Tecnológicas
SUBCLASSE	Equipamento de Atividades Médicas
LOCALIZAÇÃO:	Reserva Técnica

Fonte: Tabela da Ficha 18, Ana Cláudia Pereira da Silva, 2019.

Carro de Anestesia - Um carro móvel que contém uma variedade de equipamentos, agentes anestésicos, e outros materiais que estão prontamente disponíveis ao anestesista para satisfazer as necessidades diversas de pacientes em procedimentos agendados, como também em emergências. O carro tem uma superfície de funcionamento que pode ser limpa facilmente e isso provê uma área para deixar (locar) o equipamento. Nesta área estão disponibilizadas as gavetas, estantes, e compartimentos com portas para acomodar drogas individuais, ferramentas e instrumentos (Souza, C. 2019; Souza, A. 2019. p. 24.).

Figura 4 - Audiômetro



Fonte: Ana Claudia Pereira da Silva, 2019.

OBJETO:	Audiômetro
MATERIAIS:	Ferro; Plástico; Madeira; Laminado
TÉCNICA:	Metalurgia; Marcenaria; Laminação
ÉPOCA:	Século XX
AUTORIA:	Medicor Budapest
PROCEDÊNCIA:	Hospital das Clínicas/ UFPE
ORIGEM:	Budapeste - Hungria
CLASSE:	Equipamentos de Atividades Científicas e Tecnológicas
SUBCLASSE:	Equipamentos de Fonoaudiologia
LOCALIZAÇÃO:	Reserva Técnica

Fonte: Tabela da ficha 47, João Victor de Souza Azevedo, 2019.

Audiômetro - Equipamento destinado ao exame de audiometria, que avalia a audição. É realizado por um fonoaudiólogo (Souza, C. 2019; Souza, A. 2019. p. 32).

Figura 5 - Exercitador de Tornozelos por Molas.



Fonte: Ana Claudia Pereira da Silva, 2019.

OBJETO:	Exercitador de Tornozelo por Molas
MATERIAIS:	Madeira; Verniz; Ferro; Couro
TÉCNICA:	Marcenaria; Pintura; Metalurgia; Revestimento
ÉPOCA:	Século XX
AUTORIA:	
PROCEDÊNCIA:	Hospital das Clínicas/ UFPE
ORIGEM:	
CLASSE:	Equipamentos de Atividades Científicas e Tecnológicas
SUBCLASSE:	Equipamentos Associados à Fisioterapia
LOCALIZAÇÃO:	Reserva Técnica

Fonte: Tabela da Ficha 39, Ana Cláudia Pereira da Silva, 2019.

Exercitador de Tornozelos por Molas - trata-se de um dispositivo utilizado na mobilidade da articulação talocrural, auxiliando na execução dos movimentos de dorsiflexão e flexão plantar. Pode ser usado de forma simples em um pé ou em dupla, em ambos os pés (Souza, C. 2019; Souza, A. 2019, p. 107).

Figura 6 - Mesa de Kanavel.



Fonte: Ana Claudia Pereira da Silva, 2019.

OBJETO:	Mesa de Kanavel
MATERIAIS:	Madeira; Verniz; Metal
TÉCNICA:	Marcenaria
ÉPOCA:	Século XX
AUTORIA:	
PROCEDÊNCIA:	Hospital das Clínicas / UFPE
CLASSE:	Equipamentos de atividades científicas e tecnológicas
SUBCLASSE:	Equipamentos Associados à Fisioterapia
LOCALIZAÇÃO:	Reserva técnica

Fonte: Tabela da Ficha 50, Ana Cláudia Pereira da Silva, 2019.

Mesa de Kanavel - É composta por exercitador de dedos, prono- supinador e rolo de punho. Através deste aparelho, pode-se trabalhar os movimentos de

flexo-extensão de dedos e punho, acompanhados de adução, abdução e oponência do polegar (Souza, C. 2019; Souza, A. 2019. p. 171).

Quando visitamos instituições museais, nos deparamos com suas peças. Paramos, analisamos, vemos o que está escrito nas partes ou etiquetas ou justapostas nos dispositivos. Mas, tudo o que está na exposição passa por um grande processo que vai desde a coleta até ser disponibilizado através de um expositor. Mas, além desses processos de tratamento, há a seguridade através de preceitos desenvolvidos para proteção dos artefatos. Segundo a Constituição Federal, no Art.216, inciso III e V (1998):

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: [...] III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas. [...] V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Em vista disso, são processos necessários para orientações na sistematização de dados, partindo do recolhimento de informações das peças e, fundamentalmente o auxílio do Thesauro que ajuda a descrever e padronizar a constituição do objeto, e o mais importante, a classificar nas fichas catalográficas. Por fim, para nos basearmos mais, veremos na próxima passagem referências de outros trabalhos que já passaram por algum inventário de objetos de C&T da área da saúde, e com este intuito mostrarmos como foi o processo de sistematização desses objetos.

CAPÍTULO 03: CONTRIBUIÇÕES PARA THESAURO DE SAÚDE: EXPERIÊNCIA NO MUSEU DA FARMÁCIA E MUSEU DE HISTÓRIA DA MEDICINA

O capítulo tem como objetivo conhecer e analisar processos de documentação de acervos de Patrimônio Ciência e Tecnologia vinculados à saúde; semelhantes ao estudado realizado no Memorial da Medicina de Pernambuco a fim de contribuir no aprofundamento de problemas e soluções adotadas pelas instituições. Para tanto, nos debruçamos no Museu da Farmácia, uma instituição universitária localizada em Ouro Preto, Minas Gerais (MG) e sua coleção de itens farmacêuticos; e no Museu de História da Medicina localizado no Rio Grande do Sul (RS) com seu objeto de ventilação de pressão negativa conhecido como Pulmão de Aço. Portanto, com o impasse apresentado por esses dois museus em padronizar o conhecimento no processo de documentação de seus objetos, junto com o que foi realizado no Memorial da Medicina de Pernambuco, para assim chegarmos na conclusão de que de fato há a necessidade de uma terminologia padronizada para esses objetos.

3.1 O Museu de Farmácia (MPh) da Universidade de Ouro Preto (UFOP) e sua coleção de itens farmacêuticos

A partir de iniciativas da Escola de Farmácia (EFAR - UFOP), pelo diretor Vicente Elena Tropa, e de um grupo de professores que tinham o interesse na história da farmácia o (MPh) Museu da Farmácia da Universidade Federal de Ouro Preto surge em 1960 com o seu acervo adquirido pela Pharmacia de Magalhães. Em 1990, “outro grupo de professores e funcionários decidiu reunir os antigos materiais de ensino que estavam dispersos pelos laboratórios da (EFAR)” (Hottes; Oliveira, 2020, p. 407). Dentro desse apurado de objetos, foram reunidos equipamentos, modelos de ensino, mobiliário, drogas, vidrarias, documentos, periódicos, teses, além de livros do século XIX (Hottes; Oliveira, 2020, p. 407).

O museu é uma instituição que preserva e comunica a memória farmacêutica no Brasil. O seu objetivo é apresentar as alterações no comércio e produção do saber farmacêutico durante os períodos do século XIX e XX no estado de Minas Gerais com a coleção composta desde 1839 pela (EFAR). “Atualmente, o museu desenvolve atividades de pesquisa, preservação, conservação, documentação e educação” (Hottes; Oliveira, 2020, p. 408). “Na Coleção de Medicamentos se enquadram os frascos, recipientes, vidros e caixas que possuam rótulo e/ou conteúdo de medicamentos, extratos, tinturas e matéria-prima ou apenas vestígios desses materiais” (Hottes; Oliveira, 2020, p. 415).

Figura 7 - Exemplo de medicamento que compõe a coleção.



Fonte: Hottes, 2019.

Porém, com a análise da documentação museológica da coleção mencionada acima, foi constatado que as fichas não são eficientes para a pertinência do objeto antes de ser musealizado, o que pode ocasionar perda de informações que seriam usadas no cruzamento de dados (Hottes; Oliveira, 2020, p. 419),

A partir disso, propomos uma nova ficha de registro no programa Word com base nas informações de estrutura e catalogação dos campos que foram utilizados, ao longo dos anos, para o registro desse acervo em específico. São 22 campos que irão suprir a demanda de preservar as informações contidas nos objetos da coleção. Além disso, com o intuito de auxiliar no

processo de catalogação, elaboramos um “Manual de preenchimento da ficha de registro da Coleção de Medicamentos” que explica campo a campo a ficha catalográfica, como deve ser feita a medição e o registro fotográfico, afim de normatizar e padronizar a metodologia de registro para os objetos. (Hottes; Oliveira, 2020, p. 419).

Foi incluído nas fichas, o campo “Função/Uso “pois é importante para registrar informações de utilização e serventia que podem ser inferidas a partir do objeto ou por meio de pesquisa, sendo relevante na contextualização do medicamento dentro da coleção” (Hottes; Oliveira, 2020, p. 421).

Em suma, o que foi observado é que durante a conclusão da pesquisa, revela-se um impasse: a problemática que é agregada em relação a eficiência no registro e da disseminação da informação. As autoras observaram a necessidade de “padronizar a metodologia de preenchimento dos campos informacionais por meio de uma criação de um manual como forma de minimizar as diferenças na catalogação” (Hottes; Oliveira, 2020, p. 423).

É uma coleção que pode servir de base para muitas pesquisas e estudos, uma vez que as informações inferidas dela se relacionam com as outras coleções da instituição e podem elucidar o cenário de desenvolvimento e transformações da ciência farmacêutica tanto no Brasil quanto no mundo (Hottes; Oliveira, 2020, p. 423).

Portanto, é pertinente a observação que foi feita por Hottes e Oliveira em relação à eficiência do registro e disseminação das informações. Já que realmente a criação de um manual pode ajudar a minimizar as inconsistências na catalogação. Além disso, o destaque dado ao potencial da coleção para apoiar as futuras pesquisas é significativo. A conexão das informações dessa coleção com outras da instituição amplia sua relevância e utilidade, oferecendo uma base sólida para explorar o desenvolvimento e as transformações da ciência farmacêutica em um contexto mais amplo, por exemplo em suas práticas e conhecimentos pode ser compreendida através de um exame mais aprofundado de coleções diversificadas e bem documentadas.

3.2 O museu de História da Medicina (MUHM) e o Pulmão de Aço

Com o foco inicial de um projeto voltado para uma “Memória Médica” em 2004, objetivando registrar pelo método da história oral a memória dos médicos no

estado do Rio Grande do Sul, e com isso notou-se uma vasta coleção sobre Medicina, tanto que este foi o motivo de doações desses acervos. “No dia 18 de outubro de 2007, o MUHM foi inaugurado no prédio histórico do Hospital Beneficência Portuguesa de Porto Alegre, onde ainda hoje encontra-se o espaço expositivo do Museu” (Pomatti; Kulzer, 2021, p. 13). “Atualmente, conta com aproximadamente 4 mil objetos, entre equipamentos médicos, instrumentos cirúrgicos e acervo pessoal.” (Pomatti; Kulzer, 2021, p. 14).

Dentro dessa coleção de equipamentos médicos, encontra-se um objeto que chama atenção não só pelo seu tamanho, mas também pelo seu valor histórico. Conhecido como Pulmão de Aço, “trata-se de um mecanismo médico, inventado nos Estados Unidos, no ano de 1928, por Philip Drinker da Harvard University” (Pomatti, 2016, p. 19). O objetivo de sua criação foi dar suporte à vida, mantendo vivos os pacientes de poliomielite nos casos em que a doença estava em seu estado severo, paralisando os músculos respiratórios (Pomatti, 2016, p. 19).

A máquina foi originalmente desenhada para ajudar vítimas de inalação de gás, mas tratou pacientes acometidos pela poliomielite, mantendo-os vivos. Em muitos casos esses pacientes ficavam ligados ao Pulmão de Aço pelo resto de suas vidas, na maioria das vezes não tendo uma boa qualidade de vida (Pomatti, 2016, p. 51).

Figura 8 - O Pulmão de Aço.



Fonte: Angela Beatriz Pomatti, 2015.

Figura 9 - Pulmão de Aço visto frontalmente.



Fonte: Carina Kaiser, 2015.

Após o processo de higienização do aparelho, sucedeu a catalogação do objeto com a adoção do sistema utilizado pelo museu, chamado de MUHM WEB, “junto com a equipe de TI do Sindicato Médico do Rio Grande do Sul” (Pomatti, 2016, p. 71).

Aqui vale uma pequena nota sobre esse sistema de catalogação, pois foi pensado especificamente para o acervo do MUHM, possibilitando ainda a inserção de campos para novas informações sempre que necessário, auxiliando a catalogação de um acervo tão variado e cheio de peculiaridades, como é o acervo tridimensional do MUHM. Este banco é composto por 59 campos, divididos em seis partes: Identificação do objeto; Fotografia; Medidas; dados descritivos; Movimentação; Dados responsáveis pelo registro e, ainda, apresenta dados sobre os relatórios de movimentação e a documentação que existe sobre a peça (MUHM, 2011). (Pomatti, 2016, p. 71).

Ademais para Pomatti, além desses dados no MUHM WEB “informações sobre a origem do objeto, que é o país Estados Unidos, sua proveniência, a cidade de Porto Alegre; a tipologia elétrica, composto de metal, vidro, borracha e corino” (Pomatti, 2016, p. 72).

Diante do exposto, a autora considera o além do processo de musealização complexo "cheio de etapas baseadas na compreensão e documentação" (Pomatti, 2016, p. 91), ela frisa a importância da atividade de documentar, pois o acervo pode ter além da história perdida, as suas informações a respeito desaparecidas, dessa maneira a autora diz sobre seguir as pistas, dos "pequenos pedaços, como se fossem retalhos de tecidos, unidos por uma trama e por uma costura resistente, que tem como resultado final uma bela colcha, completa" (Pomatti, 2016, p. 91), sendo assim metaforicamente falando fala-se da padronização de terminologias com termos específicos e suas relações, a fim de facilitar a indexação, recuperação e o intercâmbio de informações - interoperabilidade - de informações entre os museus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a falta de um sistema de padronização, especialmente um Thesouro para coleções da área da saúde, traz uma série de desafios e dificuldades. A ausência de um vocabulário controlado dificulta na catalogação precisa e na descrição dos objetos no acervo e, sem os termos específicos, diferentes profissionais podem usar terminologias diferentes para referendar os mesmos conceitos, levando a incertezas e dificuldades na recuperação de informações.

Além de que, dificulta nas pesquisas e no acesso à informação do acervo. Sem nenhuma estrutura formal, de termos e relações, os usuários que queiram sanar suas dúvidas em prol de pesquisas podem enfrentar dificuldades relevantes para suas investigações. De igual modo, também pode limitar a descobertas de novas relações entre os objetos do acervo, dificultando estudos mais aprofundados.

Em suma, como visto neste trabalho, não é de hoje que temos instituições museais com suas coleções voltadas para Ciência e Tecnologia (C&T) que salvaguardam suas coleções da maneira possível, como apresentou-se neste trabalho exemplos de museus com acervos que foram catalogados sem um aparato de terminações controladas e quem as fizeram alegam as mesmas dificuldades em que tive no momento em que era bolsista no Memorial da Medicina de Pernambuco:

Faz-se necessário de um Tesouro voltado para a área da saúde que ajude profissionais da área, estudantes e pesquisadores a documentar e pesquisar formalmente sem dificuldades. Portanto, que com este trabalho se torne o começo das ações essenciais para o auxílio de um possível sistema de classificação eficiente e integrado para os acervos de (C & T).

REFERÊNCIAS

BARBUY, Heloísa. Documentação museológica e a pesquisa em museus. *In*: GRANATO, Marcus; SANTOS, Cláudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lucia Niemeyer Matheus (org.). **Documentação em Museus**. Rio de Janeiro: MAST, 2008. p. 33-43. (MAST Colloquia - Vol.10). Disponível em: <https://livroaberto.ibict.br/handle/1/933>. Acesso em: 17 mar. 2023.

BRASIL. **Artigo. 216 Constituição Federal**. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial. IPHAN, [199-?]. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/constituicao_federal_art_216.pdf. Acesso em: 15 set. 2022.

CAMARGO-MORO, Fernanda. *Museu: aquisição-documentação*. Rio de Janeiro: Livraria Eça Editora, 1986. 313 p.

COMITÊ INTERNACIONAL DE DOCUMENTAÇÃO (CIDOC). Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. **Declaração de princípios de Documentação em museus e Diretrizes internacionais de informação sobre objetos de museus: categorias de informação do comitê internacional de documentação (CIDOC - ICOM)**. São Paulo: Secretaria de Estado de Cultura de São Paulo; Associação de Amigos do Museu do Café; Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2014. 77 p. (Gestão e documentação de acervos: textos de referência). Disponível em: <https://acesse.dev/CIDOC-ICOM>. Acesso em: 17 mar. 2023.

CURRÁS, Emília. **Tesaurus, Linguagens Terminológicas**. Brasília: IBICT, 1995. 286 p. Tradução de: Antônio Felipe Côrrea da Costa. Disponível em: <https://livroaberto.ibict.br/handle/1/454>. Acesso em: 17 mar. 2023.

FERREZ, Helena D. *Documentação Museológica: teoria para uma boa prática*. **Cadernos de Ensaios: Estudos de Museologia**. Rio de Janeiro: MINC / IPHAN / Museu Nacional de Belas Artes, n. 2, p. 64-74, 1994.

FIGUEIRA, Creuza Stephen. **O Tesouro Descritores em Ciências da Saúde como um instrumento linguístico-ideológico: as lutas sociais no campo trabalho, educação e saúde**. 86 f. Dissertação. – (Mestrado Profissional em Educação Profissional em Saúde) – Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2016.

GOMES, Hagar Espanha. **Diretrizes para construção de Thesaurus Monolíngues**. Brasília: IBICT, 1984. 70 p.

HOTTES, Sarha D.; OLIVEIRA, Ana Cristina A. R. de. *Museu da Farmácia da Universidade Federal de Ouro Preto: análise das fichas de registro e documentação da coleção de medicamentos*. **Revista CPC**, São Paulo, v. 15, n. 30 (especial), p. 399-425, ago/dez 2020. Disponível em: https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/15568/1/ARTIGO_MuseuFarm%c3%a1ciaUniversidade.pdf. Acesso em: 02 maio 2022.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS (ICOM). Brasil. **Código de ética Lusófono**. [S.l.], 2009. 33 p. Disponível em: http://icom.org.br/wp-content/themes/colorwaytheme/pdfs/codigo%20de%20etica/codigo_de_etica_lusofono_iii_2009.pdf. Acesso em: 27 jan. 2023.

LIMA, Manoela; RIBEIRO, Emanuela Sousa; SCHEINER, Tereza Cristina Moletta. Um museu de medicina em Pernambuco e as perspectivas de musealização, comunicação e institucionalização. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL CULTURA MATERIAL E PATRIMÔNIO DE C&T, 4., 2016, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast), 2016. p. 75-98. Disponível em: http://site.mast.br/hotsite_anais_ivspct_2/pdf_01/6%2043.pdf. Acesso em: 08 maio 2023.

LOUREIRO, José Mauro Matheus. Esboço acerca da documentação museológica. *In*: GRANATO, Marcus; SANTOS, Cláudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lucia Niemeyer Matheus (org.). **Documentação em Museus**. Rio de Janeiro: MAST, 2008. p. 24-30. (MAST Colloquia - Vol.10). Disponível em: <https://livroaberto.ibict.br/handle/1/933>. Acesso em: 17 mar. 2023.

MONTEIRO, Juliana. **Documentação em Museus e Objeto-Documento**: sobre noções e práticas. 177 f. Tese (Pós-Graduação em Ciência da Informação) - Escola de Comunicações e Artes – ECA. São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-22012015-105632/publico/JULIANAMONTEIROVC.pdf> > Acesso em: 27 jan. 2023.

MOTTA, Dilza Fonseca da. **Método Relacional como Nova Abordagem para a Construção de Tesouros**. Dissertação. – (Curso de Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Rio de Janeiro: SENAI/DN/DPEA, 1987.

PADILHA, Renata Cardozo. **Documentação Museológica e Gestão de Acervo**. Florianópolis: FCC, 2014. 71 p. (Coleção Estudos Museológicos, v.2). Disponível em: Acesso em: http://professor.ufop.br/sites/default/files/mas/files/padilha_documentacao_museologica_1.pdf. 15 set. 2022.

PEREIRA FILHO, Hilário Figueiredo. Documentação. *In*: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. Rio de Janeiro; Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015.

PEREIRA, Geraldo. A Medicina e os Médicos de Pernambuco: o pioneirismo da ciência e a procrastinação do ensino. **Clio – Revista de Pesquisa História**, n. 24, v. 2, 2006.

POMATTI, Angela Beatriz; KULZER, Gláucia Giovana Lixinski. Um olhar sobre o objeto: exercício para a educação patrimonial no Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul. *In*: Quevedo, Éverton Reis; Sofiati, Ana Cristina (Orgs.). **Práticas e Novos Repertórios para as infâncias e juventudes**. Porto Alegre: Editora Fi, 2021. 186 p. Disponível em:

<https://acervo.uniarp.edu.br/wp-content/uploads/livros/150-Praticas-e-novos-repertorios-para-as-infancias-e-juventudes.pdf#page=13>. Acesso em: 08 maio 2023.

POMATTI, Ângela Beatriz. **De Sucata à Museália: a trajetória de um objeto museológico, o pulmão de aço do museu de história da medicina do Rio Grande do Sul**. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, curso de Museologia, Porto Alegre, BR-RS, 2016. pdf. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/147076/000999012.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 08 maio 2023.

SMIT, Johanna. **O que é documentação?** São Paulo: Brasiliense, 1987. 83 p.

SMIT, Johanna Wilhelmina. **A Documentação e suas diversas abordagens**. In: GRANATO, Marcus (org.). *Documentação em Museus*. Rio de Janeiro: MAST, 2008. MAST Colloquia; 10

SOUZA, Cláudio Reynaldo B. de; SOUZA, Andrea Borges de. **Dicionário Técnico: Equipamentos Médicos & Tecnologias Aplicadas à Saúde**. Instituto Federal Bahia. 2019. Edit: Karoschi. Disponível em: <https://portal.ifba.edu.br/polodeinovacaosalvador/publicacoes/dicionario-tecnico-equipamentos-medicos-e-tecnologias-aplicadas-a-saude.pdf>. Acesso em: 15 de Set. 2022.

SOUZA, Rosali Fernandez de. **Thesaurus como linguagem de representação da informação**. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Cláudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lucia Niemeyer Matheus (org.). **Documentação em Museus**. Rio de Janeiro: MAST, 2008, p. 115-127. (MAST Colloquia - Vol.10). Disponível em: <https://livroaberto.ibict.br/handle/1/933>. Acesso em: 17 mar. 2023.

VALENÇA, Marcelo Moraes. **O Memorial da Medicina de Pernambuco: um pouco de sua história**. Recife: Jornal Memorial da Medicina, p.1-8, 2019. Disponível em: <https://jornalmemorialdamedicina.com/index.php/jmm/article/view/1>. Acesso em: 17 mar. 2023.